ANO 1.° LISBOA--TERÇA-FEIRA, 14 DE FEVEREIRO DE 1922 N.° 206

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

FALTAM, entre nós, as pessoas de espirito liberto e generoso que compreendam, sem qualquer geito de agressão, as ideias e as atitudes dos seus semelhantes, embora diferentes das suas.

Os portuguezes de hoje tendem, pronunciadamente, para se fecharem na clausura do seu pensamento, opondo um franzir de sobrancelhas antipatico ás boas vindas dos seus contraditores. Portugal acha-se dividido em tribus e classes, que os odios e paixões tornam impenetraveis.

Ainda ontem tivemos ocasião de apreciar este terrivel estado de espirito, emquanto ouviamos uma pessoa que nós imaginavamos superior ao vulgar prazer de se sentir esteril no seu isolamento.

—«Que pensa do momento politico actual?

—Entendo que não devo pensar nada, visto que a dignidade da minha inteligencia exige que me cale...

—Mas não acha que o seu retraimento, bem como o de outras criaturas, deixa a Patria ao desamparo, sem o apoio dos homens que dão uma significação nobre aos seus actos?

—Actualmente não ha gestos nobres, pois vivemos entre feras!

—Não exageremos. Ha realmente feras, no povoado, mas existem fundadas esperanças [illegible]

—Engana-se, meu caro inocente. Portugal é uma selva, não podendo produzir outra coisa senão selvagerias.

—Que hedionda metafora! Você toma as trevas duma hora como sendo a alma duma epoca. Abra os olhos e verá ainda, em torno de si, coisas admiraveis.

—Nem mesmo tenho interesse em vêr. Dentro de mim, encontro as satisfações que busco. Posso errar, mas o erro seduz-me.

—Mas assim, a Patria não se encontra no campo das suas preocupações e esperanças...

—Pouco me importa. Quero ser forte para ser cruel.

—Creio que está fabricando as suas proprias algemas. A crueldade é que vai fazer de si a vitima da sua intransigencia feroz.»

* * *

A HORA muda? Para trás, para diante? Num país como o nosso, sempre fora de horas, atrazado nas contas, atrazado nos passos, atrazado nas resoluções—a meio seculo da civilização do resto do mundo—uma hora a mais, uma hora a menos, não traz aos nossos dias serenos, nenhum remedio, nenhuma inquietação...

* * *

QUANDO acabam as greves? Nunca mais, diz um jornal operario. «Cada vez mais intensas, cada vez e sempre mais revolucionarias». Se não soubessemos que as palavras correspondem mais a desabafos do que a realizações, haviamos de pensar que a politica dos trabalhadores anda por vezes tão desnorteada como a politica dos burgueses.

* * *

A CASA dos Jornalistas, informa *A Manhã*, procura instalação propria. Conseguido isso, funcionará, como todos desejam. A cobrança das cotas—depreende-se—só então começará, o que é um criterio.

* * *

A *LUTA* transcreveu o nosso artigo de ante-ontem sobre a acção do dr. Brito Camacho em Moçambique.

FEDERALISMO

Trindade Coelho, vendo que a influencia de Lisboa, séde do poder central e centralizado, é de tal maneira absorvente e perturbadora que não só oprime mas anarquiza o país, entende que a maneira mais eficaz de corrigir-se tal intumescencia e tirania seria o estabelecimento duma Republica federal, com seis estados no continente, dois nas ilhas adjacentes e o municipio autonomo da capital.

No *Seculo* do domingo passado publicou ele um projecto de reforma constitucional, a fim de dar fórma e condições de vida ao seu pensamento. Precede-o uma introdução em que, sob o patrocinio de Alexandre Herculano e Henriques Nogueira, Trindade Coelho explana as razões essenciais sobre que assenta a sua construção politica.

Apesar de ainda não termos consagrado ao trabalho do ilustre jornalista e publicista a leitura atenta e reflectida que ele merece, devemos, desde já, dizer que, como obra juridica, se nos afigura revelador dum saber e duma experiencia pouco vulgares, na nossa terra.

Não concordamos, porém, com o seu *federalismo*, porque, com franqueza o afirmamos, dá-nos a impressão de ter nascido da sua cabeça, mais por inspiração individual que pelo estudo das condições do nosso meio.

Pode-se, porventura, sustentar que haja entre nós uma forte corrente de opinião que tenha servido a Trindade Coelho de fio condutor?

Se existe não é do nosso conhecimento. Os congressos regionais, não obstante as boas vontades e dedicações neles empenhadas, parecem-nos ruidosas cavalgadas, através do silencio e da indiferença das provincias. As povoações vêem passar os congressistas, tiram-lhes as carapuças como saudação e, pondo os bois em marcha, gritam-lhes:—«Eiche, boi-risco!».

O nosso organismo acha-se tão debilitado por ensaios de reforma e regeneração que, dificilmente, se robustecerá com a panaceia federalista. Nós já bulimos demais com os alicerces da Patria. Os doutrinarios e os idealistas—uns invocando a tradição, outros a revolução— veem-nos dando cabo da alma e do corpo. Portugal carece de repouso para refazer-se.

O passado devemos respeitá-lo e estudá-lo devotamente não para o copiarmos com a maior ou menor fidelidade, mas para descobrirmos nele as palpitações sagradas dum coração que ha oito seculos se sente em comunhão com as glebas e as estrelas.

Pretende o *federalismo* de Trindade Coelho fazer-nos voltar para traz?

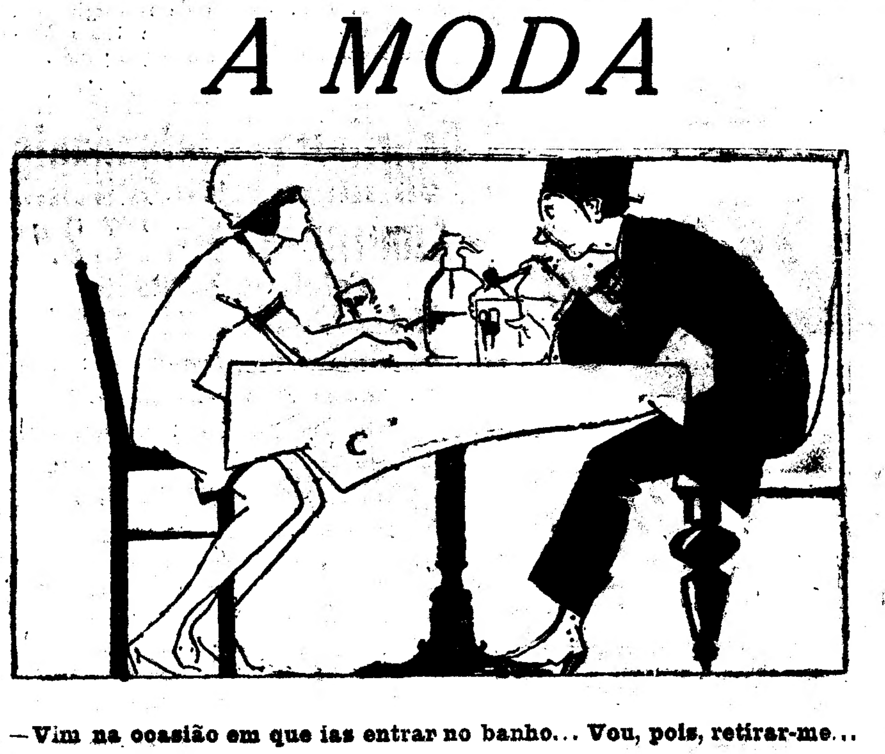
Não sabemos.

Julga ele que, dentre as aspirações de ámanhã, talvez o povo se manifeste a favor do seu projecto de reforma de Constituição?

Misterio que ainda não podemos decifrar.

Pensamos que, em Portugal, a educação politica é tão pouca e má que tudo se vicia, sendo por isso de presumir que a organização federalista, em vez de cortar os tentaculos da centralização, acabe por multiplicá-los, pondo no seio dos Estados federados o mesmo vicio que agora se quere combater.

A MODA



—Vim na ocasião em que ias entrar no banho... Vou, pois, retirar-me...
—Não vás porque o banho é interno...

ANUNCIA-SE a vinda de Maria Tereza Piérat a Portugal nos primeiros dias de Março. Lugné-Poe, que acompanha a grande artista societaria da Comedia Franceza na sua *tournée*, consagrou-lhe um artigo interessantissimo na *Ilustration*, tecendo os maiores elogios á ilustre interprete de *Dona Sol* e *Phedra*.

Afirma-se, no emtanto, que madame Piérat não vai interpretar em Portugal aquelas duas obras, que são a maior corôa do seu talento e da sua fina sensibilidade de artista. Não haveria maneira de conciliar os interesses da *tournée* com o grande desejo que o publico de Lisboa deve ter de ouvir madame Piérat na *Phedra?*

* * *

A GUARDA Republicana—dizia-nos ontem um distincto oficial da mesma—está bem disposta a não se meter em mais alguma coisa politica e a servir apenas o Estado e a ordem, pelas instruções dos seus superiores. «E' uma resolução firme, porque provém mais dos ditames de consciencia de cada um do que de deliberações colectivas de «comités» ou grupos de agitação.» A ser assim—e porque não ha de ser?—os inimigos da tranquilidade publica têm razão para sair da sua propria tranquilidade.

* * *

ABRE ámanhã o Parlamento. Os deputados monarquicos estão na disposição—di-se—de apresentarem uma proposta para ser suprimido o subsidio. Como se manterão em Lisboa os deputados da provincia que não tem um real de seu? «Da mesma maneira que se mantinham no tempo da monarquia». E' uma resposta. Um Parlamento para ricos constitue uma hipotese, tão longe da justiça como da realidade.

* * *

NO logar de Girabolhos, do sitio da Pereiro, em Ceia, vive um casal, marido e mulher, tendo cada um 105 anos. Um dos seus tetranetos está noivo. Se este noivado rebenta depressa em botões e os botões em flôres desde o progresso na arte de amar, é de crêr que os suavissimos velhinhos cheguem ainda ao começo do mundo.

* * *

O GOVERNO vai anular o decreto que criou a Policia de Defesa Social, por a considerar ditatorial. A P. S. E. [illegible], pois, mas, ainda segundo nos consta, curta vida terá, porquanto ao Parlamento será apresentada uma proposta de modificação.

* * *

REUNE hoje, pelas 21 horas, a comissão executiva da Federação das Juntas de Paroquia, para tomar posse, ocupar-se do resultado do congresso recentemente efectuado no Porto, e da reunião do senado, que se realiza em Abril proximo na Regua, Vila Real e Chaves.

O proximo congresso, realizar-se-ha no Porto, durante o mês de Agosto.

* * *

CONTINUAM a aparecer na provincia jornais que seguem em formato e graficamente o aspecto do *Diario de Lisboa*, até na reprodução dos titulos de secção. E' uma homenagem ao nosso jornal, que não deixaremos de agradecer.

Por Angola

Sociedade de Recrutamento de Mossamedes

Pelo Alto Comissario foram aprovados os estatutos desta Sociedade, que se destina a recrutar trabalhadores indigenas para os agricultores, comerciantes e industriais seus associados, que constituam a referida sociedade.

Os fins da sociedade, são, como já ficou indicado, o recrutamento; a repatriação, obrigatoria, quando findar o contracto; organização dos serviços respeitantes á execução do fim social; praticar quaisquer actos ex... das as operações bancarias e negocios de ... resses puramente comerciais ou indus... que não digam respeito ao seu fim social.

A sociedade tem a forma de responsabilidade limitada por acções e terá agentes, correspondentes, sucursais ou qualquer outra forma de representação onde lhe convier.

O capital inicial foi fixado em vinte mil escudos, dividido em duzentas acções de cem escudos cada uma, podendo ser elevado até cem mil escudos por uma ou mais emissões. As acções são nominativas e transmissiveis com consentimento do Conselho de Administração e só podem ser tomadas pelos agricultores, comerciantes e industriais do distrito de Mossamedes.

A sociedade não deverá procurar obter lucros devendo apenas conseguir os fundos necessarios para cobrir as despesas. Quando houver lucros constituirão eles um fundo destinado á assistencia indigena, não podendo, em caso algum, distribuir-se pelos associados.

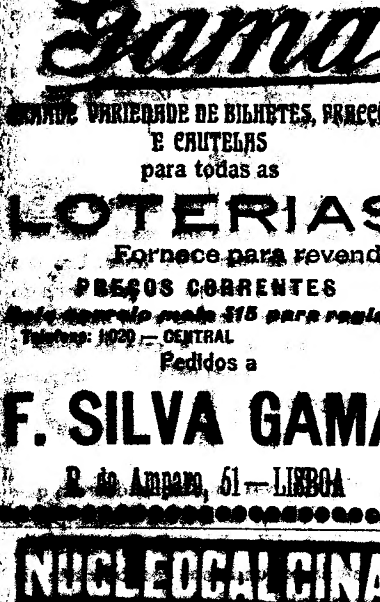
Junto da sociedade haverá um delegado do governo do distrito que assistirá a todas as reuniões dos Conselhos de Administração e Fiscal e que será encarregado de fiscalizar o cumprimento das disposições sobre o trabalho indigena.

Em setembro de cada ano, os accionistas requisitarão o numero de trabalhadores de que carecem para os seus serviços ao Conselho de Administração, pondo á sua ordem, no Banco que fôr designado, a importancia que o mesmo Conselho arbitrar para garantia das despesas a fazer.

A sociedade terá agentes de recrutamento por ela remunerados, os quais serão propostos pelo Conselho de Administração, nomeados nos termos da lei.

José d'Arruella
ADVOGADO
Mudou o seu escritorio para a Rua Nova do Almada, 81, 1.º Telefones 1:949 e 4:343.

Gama
GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS
para todas as
LOTERIAS
Fornece para revender
PREÇOS CORRENTES
Pelo correio mais $15 para registo
Telefone: 1020 — CENTRAL
Pedidos a
F. SILVA GAMA
R. do Amparo, 51 — LISBOA



TONICO RACIONAL E SCIENTIFICO
Superior aos similares estrangeiros e nacionais
Usado pessoalmente pelos nossos primeiros medicos
CURA A
Tuberculose, Anemia, Falta de forças e de apetite
Farmacia Formosinho
18 — Praça dos Restauradores — 18

DA CIDADE DO MONDEGO

SOBRE O CONGRESSO ECONOMICO DE COIMBRA

Exposição industrial, nos claustros da Igreja de Santa-Cruz, e o sarau academico no Teatro Sousa Bastos

(Do nosso enviado especial)

Um dos numeros interessantes do programa amavel com que Coimbra quiz receber os congressistas e a Imprensa foi a exposição industrial nos claustros da igreja de Santa Cruz — uns lindos claustros manuelinos, onde o tempo jubilou a sua *patine* religiosa.

A inauguração da Exposição foi um sucesso, um acontecimento de nomeada nesta placida e excelente Coimbra. Não era, — como é bem de ver — reservada apenas aos congressistas. Era para toda a Coimbra. E Coimbra acorreu lá, alvoraçada e festiva. O transito nos lindos claustros era dificil.

Havia mesas com bolos e vinhos finos — o que aumentava a afluencia. Num dos angulos do claustro tocava uma sexteto, o sexteto do teatro, onde não faltava uma menina, a inevitavel menina do sexteto.

Para os estudantes a exposição industrial não teve interesse de maior. Mas os bolos e as mulheres eram razão bastante para aparecerem. E apareceram. Atiraram-se a ambos os generos—bolos e mulheres—com entusiasmo. O vinho do Porto foi instantemente esgotado. Quanto ás mulheres — elas eram inexgotaveis. Parece que todas as mulheres de Coimbra passaram por lá. Eram o monstruario mais admirado da exposição. As mulheres são uma das mais lindas industrias de Coimbra. Industrias... de arte, entende-se.

A exposição, despretenciosa, cola-se ás paredes do claustro. E' uma *étalage* sumaria. Uma duzia de produtos em cima dumas mesas ou dependuradas da parede. Ha de tudo, desde sapatos—á pintura.

Aqueles que mais referencia merecem são as industrias de ferro forjado—já consagradas por todo o país, cantada pela D. Veva de Lima, *cujo ultimo lampadairo* parece ter sido feito cá—e a de ceramica, ainda hesitante, mas prometedora.

Deve-se dizer que os objectos de estilo actual—chamemos-lhe assim—são mediocres. As imitações de ceramicas antigas são, porém, interessantes.

A pintura está representada pelo pintor Guilherme Filipe, que Lisboa conhece, por ter exposto em Madrid.

São três quadros, que o publico classifica de futuristas e que no entanto, (salvo o exotismo da concepção) estão ainda proximos do academismo. Um dos quadros representa uma mulher núa, a que o pintor pudicamente tapou ... os pés, no meio da cidade de Coimbra. Ha ali um simbolismo, porque o pintor quiz representar naquela senhora uma princesa cindazunda da lenda de Coimbra.

Ao lado da *étalage* do pintor, onde este quadro destaca, ha uma exposição de roupas brancas—que podem parecer as da princesa...

De resto, lanificios, fotografias, latas, meias, emfim—Coimbra. E abraçando tudo—o claustro, o lindo claustro de Santa Cruz.

* * *

Por Coimbra correu a novidade do sarau e toda a gente quis ir. Não são vulgares estes grandes saraus e, por isso, academia e *futricas* conquistaram os bilhetes como puderam. E' que tomavam parte nele muitas senhoras, muitas meninas da sociedade de Coimbra. E os rapazes têm uma admiração sem limites pelos saraus femininos.

O teatro Sousa Bastos é um teatro de certa amplitude, engendrado no pitoresco de uma das ruas que vão a caminho da altissima «alta».

O teatro estava, de facto, cheio. Havia muitos estudantes e muitas senhoras. Havia solenidade, da parte dos congressistas, e havia alegria, da parte dos estudantes. Quem abriu o espectaculo, como deviam ter dito os jornais da manhã, foi o dr. Rocha Brito, que leu, com entusiasmo, um discurso de saudação, no bom estilo retorico de Coimbra. Quando acabou, dum camarote de 1.ª, divisou-se o busto do dr. Nuno Simões, que agradeceu a saudação,

E em meio do seu discurso, o dr. Nuno Simões, que pertenceu a uma interessante geração de Coimbra, esqueceu a sua qualidade de força-viva e, ao evocar a terra que viveu, vai perdendo o fio correcto do discurso para entrar no fio boemio da saudade. O ex-ministro do Comercio começou a ser afogado pelas suas *aguas-mortas*. E começou burilando frases sobre a paisagem senhorial do Mondego... Breve voltou o escritor das *aguas-mortas* ao seio antipoda das *forças vivas*...

A festa tomou então o seu caracter delicadamente feminino e senhoras, apajadas por estudantes, cantaram algumas canções de pequeno valor artistico, mas de certo encanto... pessoal.

Estudantes recitaram. Recitaram mal, como estudantes que se presam. Ha a lamentar, ainda, que estudantes dum uma Universidade eminentemente literaria, como a de Coimbra, recitassem a *trapalhada poetica* de Pedro Bandeira e coisas tão pouco recentes como *O Remorso*, de Guerra Junqueiro.

E' extranho que Eugenio de Castro,—um poeta tão português e tão coimbrão—não seja o preferido para ser *dito* e para ser ouvido, em Coimbra.

Houve um estudante que recitou *O Beijo*, de João de Deus. E é tão fresca a saudade que dá tão bem neste ambiente João de Deus, ai disse-o com tanto interesse o moço estudante, que a poesia parecia nova,

Cantou-se ainda a *Mireille*, de Mistral e Gounod—um lindo pretexto para exibir lindas caras, sob a regencia blandiciosa do maestro Coutinho—um musico elegante, que parece arrancado á *Garrett*, de Lisboa...

Nesta altura o sr. Joaquim Lança—um moço de Setubal que cultiva, com certo exito, a eloquencia—teve o rasgo de se erguer na sua cadeira da plateia e dirigir uma saudação entusiastica áquelas senhoras. O sr. Joaquim Lança demonstrou assim que os problemas economicos não são incompativeis com os madrigais e tanto e tão gentil soube dizer, que, dentro em pouco, entre a assembleia, corria esta *blague* em forma de sobrenome:

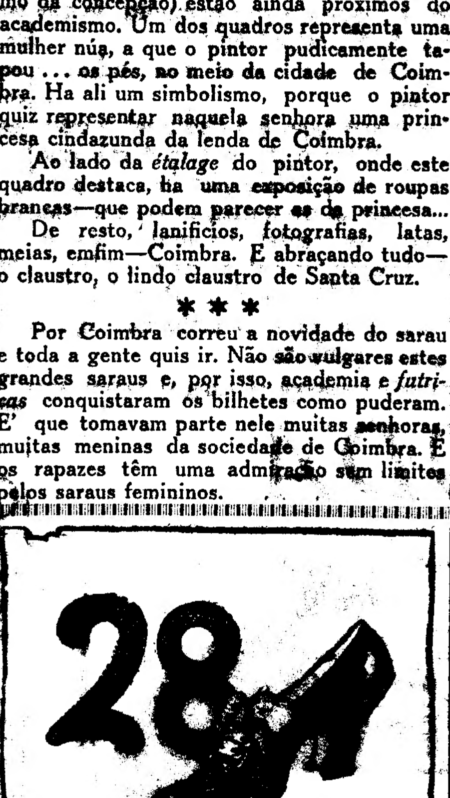
—O Joaquim Lança...—perfumes...

Oh! a *blague!*

A passagem mais interessante do seu discurso foi aquela em que ele apelou para as mulheres de Coimbra, convidando-as a, patrioticamente, ajudarem, com o seu amor, a geração, na obra comum de ressurgimento.

No fim a guarda republicana tocou Wagner e Tschaikowsky o melhor que poude.

A. de B.



RUA DO AMPARO
A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA
TELEF. C. 3541

Policlinica do Intendente
Almirante Reis, 27, 2.º
Telefone N.º 2989

Dr. Abel Alves—Ouvidos, nariz e garganta, ás 13.
Dr. Almeida Dias—Doenças nervosas e mentais, Electroterapia, ás 13.
Dr. Anastacio Gonçalves—Doenças dos olhos, ás 15.
Dr. Antonio Martins—Doenças das senhoras, ás 16.
Dr. Armando Formigal Luzes—Rins e vias urinarias, ás 10.
Dr. Artur Pacheco—Doenças de pele, ás 14.
Dr. Benard Guedes—Raios X, ás 15.
Dr. Carlos Bradiquim—Doenças das crianças, ás 15.
Dr. Fernando Fonseca—Medicina geral, sifilis, ás 15.
Dr. Formigal Luzes—Massagens, ginastica medica, banhos de luz, mecanoterapia, electroterapia (dia termia, alta frequencia, etc.) ás 14.
Dr. Mario Rosa—Clinica geral, estomago e intestinos, ás 14.
Dr. Pereira da Silva—Analises clinicas. Vacinas.
Dr. Pereira Varela—Doenças da boca e dos dentes, ás 11.
Dr. Vasco de Lacerda—Clinica medica, coração e pulmões, ás 13.
Dr. Vasco Palmeirim—Cirurgia geral e operações, ás 13.

Mundanismo

Diplomatas

Passa ámanhã o aniversario natalicio do sr. A. E. Gueymon, adido da legação dos Estados Unidos em Lisboa. O sr. Gueymon, que está ha cerca de três anos em Portugal, é um grande admirador do nosso país, muito estimado nos meios sociais.

Aniversários

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Maria Filomena de Melo Peixoto de Aragão, D. Palmira Lopes Tavares Lobo de Silveira (Abeito), D. Branca de Almeida Matos, D. Maria Tereza Manuel do Amaral Berquó, D. Joana Van-Zeller, D. Conceição Pizarro, D. Sofia da Gama Berquó e D. Maria Emilia Cabral Parreira.

E os senhores:

D. Antonio Elisio Macedo de Portugal e Castro, Antonio Francisco Xavier de Siqueira, Francisco Brandão Figueiredo de Faria, Antonio de Araujo Leite de Castro, Eugenio Maria Rollin Geraldes Barba e os nossos colegas na imprensa Machado Correia e Jaime Vitor.

Casamentos

E' ámanhã que se realiza na paroquial igreja de S. Sebastião da Pedreira o casamento da senhora D. Maria Emiliana Cabral da Silva, gentilissima filha da senhora D. Ana Cabral da Silva e do ilustre clinico sr. dr. Carlos Silva, com o sr. José Vicente da Costa Ramalho, filho da senhora D. Piedade da Costa Ramalho e do sr. Gaspar da Costa Ramalho.

A caridade

Na Liga Naval

A ilustre comissão de meninas da nossa primeira sociedade que leva a efeito, nos salões da Liga Naval Portuguesa, ao Calhariz, na tarde do proximo sabado, uma «matinée» de caridade, não tem poupado os seus esforços para que a festa revista grande brilhantismo.

Os bilhetes de entrada são vendidos á porta. A festa constará, como temos dito, de quermesse, tombola, chá e dança, que será abrilhantada por um dos melhores sextetos de Lisboa.

A tarde do proximo sabado, 16 do corrente, na Liga Naval, vai, decerto, ficar gravada a letras de ouro nos anais mundanos.

No Monte Estoril

No proximo domingo, á tarde, realiza-se no «Strangers Casino», organizado pelos srs. Ruy Correia Leite e Fernando Correia Santos, um «chá dançante» de caridade, cujo produto reverte a favor do Instituto Branco Rodrigues, para cegos.

Os bilhetes de entrada, incluindo o «chá», custam 5$000 réis.

Consta-nos que não só de Cascais e Estoris ai darão «rendez-vous», como de Lisboa.

Pontos de reunião

No Nacional

A linda peça «O Centenario» continúa a sua carreira triunfal, atraindo a este teatro todas as noites uma selecta concorrencia. Ontem a linda sala de espectaculos apresentava um aspecto verdadeiramente encantador, recordando-nos ter visto, entre outras, as senhoras:

Condessa de S. Lourenço, D. Luisa de Vasconcelos Cabral, D. Maria Constança Basilio Castelbranco Ferreira Pinto Basto e filhas, D. Zulmira Franco Teixeira, D. Rosa Drago Herrera, D. Emilia Pinheiro Ferreira Pinto Basto e filhas, D. Luisa Luz da Gama e filha, D. Berta ... D. Maria Cristina Seabra Ferreira Roquete e filha, D. Lea Cohen Zagury e filhas, D. Ester Abecassis Seruya e filha, D. Albertina Walden Supardo, D. Lice Seruya, D. Maria das Dores Cisneiros Machado da Cruz (Queluz) e filhas, D. Maria Isabel Van-Zeler de Roure Seabra Roquette, «mademoiselles» Freitas e Silva, etc.

No Coliseu dos Recreios

Assistencia elegante á recita da moda de ontem:

Condessa de Pinhel (D. Dolores), D. Maria de Sande Ayres de Campos (Ameal), «madame» Abudarham Abecassis, D. Maria Amelia de Sande Ayres de Campos de Barros Menezes Moreira, D. Elisa de Campos Henriques de Almeida Braga, D. Rosa Pais Lopes e filha D. Maria; D. Aida Moura, D. Eucilia Maria Cesar Ferreira, D. Maria Elisa Plantier Dias Costa, D. Sofia de Campos Henriques de Almeida (Pinhel), D. Mariana Barbosa da Cunha Soto Maior Riecou, D. Luisa da Fonseca, D. Maria Luisa Beires do Vale Nunes da Silva, D. Manuela Pinto Bastos, D. Laura Barbosa da Cunha Soto Maior, «mesdemoiselles» Costa e Silva, etc.

Agenda

A nossa sociedade «smart» dará «rendez-vous» ámanhã, em S. Carlos, 33.ª recita de assinatura ordinaria, com a opera «Bohème»; no Nacional e Politeama, recitas da moda, respectivamente com as peças de grande exito «O Centenario» e «A 8.ª mulher de Barba Azul»; no Chiado Terrasse, festa artistica do actor Teodoro Santos, com a farsa de grande sucesso «O Juiz de Fora» e no Cinema Condes «soirée» da moda.

Em viagem

Esteve em Lisboa e retirou ontem novamente para Torres Novas o sr. Carlos Sepulveda Veloso.

—Regressou de Madrid o sr. José Castelo Lopes.

—Encontra-se na quinta do Pinheiro, hospeda de seu genro o sr. Armando Afonso Figueiredo Pereira, a senhora D. Estefania Belmonte, que ali vai passar o Carnaval.

—Estão em Lisboa, vindas de Coja, as senhoras D. Maria da Luz e D. Piedade Toscano e sua interessante afilhada D. Maria da Luz.

—Vindos da Figueira da Foz encontram-se em Lisboa os srs. Antonio Pereira Correia e Joaquim Reis Pinto.

—Vindo do Porto encontra-se em Lisboa o sr. Fernando da Silva e Brito (Ermida).

—Com sua esposa, a senhora D. Maria Magdalena de Trigueiros Martel Patricio e seu filho Francisco, regressou á sua casa em Lisboa, vindo da sua quinta da Francela, na estrada de Sacavem, o sr. conselheiro Francisco Patricio.

TEATRO DE S. CARLOS
Sociedade do Teatro de S. Carlos, Limitada
Tel. C. 5063 — 4.ª feira 15—33.ª recita ordinaria
Ultima representação da opera de Puccini
BOHEME
Quinta-feira, 16 — 8.ª recita extraordinaria
A opera de Wagner «LOHENGRIN»
sob a direcção de VITTORIO GUI
Para as três recitas de Carnaval está aberta até 24 do corrente a assinatura pelos preços das recitas ordinarias, tendo os srs. assinantes preferencia até ao dia 20

INTERIOR

POR

GOMES DE OLIVEIRA

Trago dentro do peito, em fundo arroxeado,
A chaga histerisante e viva de meu mal,
Mortificando a fogo um Vaso-espiritual
—Teu puro coração isento de pecado.

Na dôr martirisante assim cruxificado
A cravos de Saudade, uma angustia mortal
Por vezes o sacode—um forte vendaval
Que a subitas o houvesse em braxas transformado.

Tenues vapores se evolam, e com ansia crua
Asfixiam o verbo, a forma, a imagem nua
Que possa da Tragedia dar a ideia ouca.

Meu labio já descai num debil fatalismo...
Mas os dentes cerrados detem num paroxismo
A Tragedia do Fogo que gela a minha boca...

Gomes de Oliveira

Amor fingido

Penso ás vezes quão diferente
Era o seu amor do meu:
O meu, todo comovente;
Todo artificial, o seu...

Dos dois, verdadeiramente
Aquele que *amou* fui eu;
Ela amou-me, ardentemente,
Mas no proprio amor ardeu!...

Nunca nessa criatura
Achei aquela candura
Do coração que abre em flor!...

Gostava de mim, gostava
Pelos beijos que eu lhe dava
Mas nunca me teve *amor*.

Mariano Gracias

IMPRESSÕES DE UM PORTUGUÊS EM HAMBURGO

Como os alemães interpretam a musica francesa

A 5.ª sinfonia de Beethoven no primeiro concerto da Philharm Albert-Orchesters

Confesso que quando em Lisboa — apesar da minha assidua comparencia aos concertos sinfonicos — meditaria um pouco antes de me resolver a assistir a um concerto com o seguinte programa:

«Ouverture» *Leonore n.º 3*, Beethoven.

Concerto para violoncelo e orquestra, D-dur, Haydn.

Concerto para violino e orquestra G-dur, Mozart.

Duas arias de opera classica, para canto e orquestra.

5.ª Sinfonia, Beethoven.

Não há duvida e confesso o meu delito. Entretanto aqui, já um pouco mais habituado á assiduidade a concertos de toda a especie — tive a coragem de ir assistir ao primeiro concerto da *Philharm Albert-orchesters*, de Brumerhaven e que agora aqui se encontra de visita.

Não me arrependi. Dei por bem empregado o tempo. Otto Albert, o maestro, o dirigente daquela massa orquestral, possui no maximo o temperamento da Arte. E' um maestro; domina, encanta.

A grande sala do Musikhalle — tinha a sua grande plateia quasi vasia. Os balcões repletos. Entristeceu-me um pouco vêr aquilo. E' um habito, é um costume. O povo alemão não vai ás primeiras audições. Não sabe do que se trata e por isso não vai. Os jornais e o publico minimo das «primeiras» que informem o grande publico no dia seguinte. Se agradou, se fez sucesso, então temos casas repletas, numa loucura extrema, esgotando-se bilhetes e sendo preciso, para adquirir um bilhete, comprá-lo muita vez com um mês de antecedencia.

Assim o segundo concerto decerto estará cheio. E' de justiça.

Beerwald (violinista) e Jesensky (violoncelista) foram alvo de entusiasticas manifestações. Foram admiraveis. O violoncelista principalmente teve o meu inteiro agrado; som forte, volumoso. A sua forma de «dizer» sobressaindo com emoção, com relevo. O seu violoncelo falava-nos, dizia-nos qualquer coisa.

Kraus, o tenor da opera de Bremens, foi tambem alvo de agrado pleno. Voz agradavel, dando a perceber todas as frases com nitidez, compreendendo-se até a beleza dos versos, tornados sublimes com as cadencias da musica.

Porém havia o grande interesse de «exame», a grande anciedade de ouvir especialmente a «Quinta sinfonia. Nesse momento é que se ajuizaria da orquestra e do seu maestro; nesse momento é que se estabeleceria ou a corrente de novas casas vazias ou de novos concertos de sucesso, de entusiasmos.

O «exame» foi admiravel, colossal.

Sei bem que não percebo nada de musica. Mesmo ainda não sei porque gosto tanto de ouvir concertos. Não sei se os oiço, se os aprecio — sei, acima de tudo, que os sinto. A minha alma domina-se, atrae-se e mesmo muita vez sofre. Mas entretanto garanto que a execução da «Quinta sinfonia» foi magistral. Garanto! Não tenho mesmo receio de ir logo á noite aos jornais e ler os criticos. Eles não podem dizer mal, não podem porque o meu sentir viu perfectibilidade em tudo aquilo. O unico «bravo» que ecoou por toda a sala desprendeu-se desse meu sentir. Não porque todos unanimemente me aplaudissem, mas porque não ha o habito das expansões no povo alemão.

Disse acima que era um exame. Não ha duvida; está certo. O publico dos concertos aqui é um juís. Apesar de haver já grande progresso musical em Portugal, entretanto 80 0|0 da assistencia aos concertos não percebe nada de musica. Muita vez vão lá mesmo sem saberem qual o programa que se executa. Aqui não. Um publico de concerto é um publico que estudou musica, que sabe, que conhece, que discute. Falai a uma dessas pequenas que trabalham e que constituem o conjuncto de milhares de empregadas por todos esses estabelecimentos. Não é preciso ir mais longe. Falai-lhes em musica e eis que elas respondem a tudo que se verse e se ha quem lhes ofereça um bilhete para uma audição sorriem logo de contentes.

Não ha duvida portanto que a «quinta» foi um sucesso. Segui toda a execução com um interesse religioso. Os meus nervos amarraram-se todos e deixáram-me que vivesse toda aquela partitura. Beethoven é maximo e eu, que sou um «selvagem» em musica, digo que ele é maximo acima de tudo pela côr dos sons, por toda essa sinfonia de sinfonias que se desprendem de uma orquestra que executa uma obra sua, por todo esse arranjo sem futurismos, sem dissonancias, mas com verdade, com ritmo, com razão e, acima de tudo, com uma exterioridade surpreendente.

Quasi que não respirei durante toda a execução. Já ouvira a «quinta» aqui por outra orquestra, mas desta vez gostei mais. O terceiro andamento foi magistral, tão belo, tão soberbo, que dir-se-ia tudo aquilo uma realidade.

... ao sair, mais uma vez me convencera que era justa a homenagem que este «selvagem» prestáva a Beethoven, ao ter pelo seu quarto varios dos seus retratos, entre eles um desenho original de um celebre artista alemão.

Hamburgo, 31 de janeiro.

J. C. S.

QUADRAS

POR

PAULO VARANDAS

A vida é só sofrimento,
A vida é feita de dôr,
E como a pobre flor
Arrastada pelo vento.

As minhas trovas singelas
São imersas em saudade,
São dedicadas ás belas
Que eu amei na mocidade.

Que formosas pombas brancas
Que eu tenho no meu pombal,
São tão brancas como os irios
Que vegetam pelo val.

Cantam as aves nos ninhos
Os seus gorgeios maviosos,
Tambem eu trino á guitarra
Os teus olhos tão formosos.

Camponeza, camponeza,
Não troques o teu casal
Pelo goso da cidade,
Onde só impera o mal.

Raparigas, raparigas,
De labios da côr do sol,
Os vossos cantos parecem
Os trinos do rouxinol.

Os teus beijos, meu amor,
São p'ra mim de tal valia
Que se eles me faltassem
Eu de certo morreria.

Quando te cinjo, meu bem,
Nos meus braços, podes crer,
Sou tão venturoso que
Não me importava morrer.

Paulo Varandas

Nacional
Telef. C. 2048
Sucesso inconfundivel
HOJE
O Centenario
Estão suspensas as entradas de favor
COMPANHIA FRANCESA de
MADAME PIERAT
Em virtude dos inumeros pedidos a Administração conseguiu que a ilustre artista realise em Lisboa mais três espectaculos em
3 Recitas de assinatura extraordinarias
Os bilhetes para as recitas ordinarias e extraordinarias podem ser requisitados no camaroteiro a partir de ámanhã, dispondo a Administração dos que não forem levantados até ao dia 20. — DOMINGO, 19 — Primeiro espectaculo de Carnaval O CENTENARIO, 1.º baile de mascaras no Salão e na Sala do Teatro

POLITEAMA
Telef. N. 3028 A's 21,30
Todas as noites ■ Grande Sucesso
A 8.ª mulher do Barba-Azul
Interpretação soberbissima de Lucilia Simões
CARNAVAL — Estão na bilheteira á disposição dos assinantes da épca anterior os bilhetes para os 4 espectaculos do Carnaval.
DOMINGO, 19 — 4.º concerto extraordinario pela Orquestra Sinfonica de Lisboa
Festa do maestro Fernandes Fão

TEATRO CHIADO TERRASSE
Companhia LUZ VELOSO
ULTIMAS REPRESENTAÇÕES
da engraçadissima comedia de André Brun
O JUIZ DE FORA
NOITE DE FESTA E DE GARGALHADA
A'MANHÃ, 15. — Festa artistica de Teodoro Santos — O JUIZ DE FORA
Bilhetes á venda.

Empreza Internacional, L.da
Rua Augusta, 76, 1.º
TELEFONES: CENTRAL 5052 e 346
TELEGRAMAS: --- GALVANICA
APARELHAGEM ELECTRICA PARA ALTA E BAIXA TENSÃO
VOIGT & HAEFFNER A. G.

STRANGERS' CASINO
MONTE ESTORIL — Avenida Saboya (antiga Vila São José)
PROJECTAM-SE GRANDIOSOS FESTEJOS CARNAVALESCOS
BAILE TODAS AS NOITES
QUINTETO ÁS 3.as, 5.as E SABADOS
TERCETO ÁS 2.as, 4.as, 6.as E DOMINGOS
DANCING-TEA ás 4.as e domingos
NOTAVEIS NUMEROS
— DE —
Variedades e films sensacionais
Brevemente novos atractivos

TEATRO SALÃO FOZ
Empresa Artur Emauz
Companhia Otelo de Carvalho
HOJE — Recitas dos autores Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Lino Ferreira
200 — Representações da sua revista
Bichinha Gata...
ampliada com o quadro novo AMOSTRAS SEM VALOR em que se exibe a revista
ALHOS E BOGALHOS
Dois «compères»:
«Zé Calado», Antonio Gomes (da Trindade); «Zé Mosca», Otelo de Carvalho
—— Preços populares ——
A segunda sessão termina á meia noite

AVENIDA
— O —
Toureador

EDEN-TEATRO
Tel. 3800 N. 2 SESSÕES
O 31
O sucesso de todas as épocas
Coplas novas na
Desgarrada
RIR! RIR! RIR!
CARNAVAL
Grandes surpresas e atractivos

ARTIGOS E INFORMACÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

A rua cheia de sol

A rua por aí fora, que eu estou a ver, desta janelinha debruçada, vai cheinha de sol. Um sol grande, luminoso e branco, como toalhas, que atira do chão, das paredes escarvidas de cal a arder, dos empedrados e dos cunhais em muralha—um calor que refresca os olhos da tristeza gelada das sombras, cá dentro.

A rua vai cheinha de sol e não ha nada senão sol, em manchas, em pedaços, em retalhos, sol feito objecto, feito agua, feito cousa palpavel e de trazer da rua para casa nas palmas dos nossos olhos humildes. Ha horas em que as cousas loiram nossos aspectos imensos de beleza, como certos poentes vistos da montanha ou certas mulheres frageis vistas de perfil. Agora a rua é bela como uma invenção pagã de claridade, e até a roupa lavada, ás sacadas, pingando agua como lagrimas, parece sol que se estendeu e ficou solido. As janelas estão abertas de par em par para a vida da luz e por elas dentro entra o sol que vem da rua e é tanto, tanto que chega para iluminar a face triste dos «bibelots», das bugigangas, das humildades nas mansardas operarias, e ainda entra dentro de nós, percorre o sangue, entra no coração, escoa-se á alma ferida de sensações e baila nas veias e nos instintos, como um excitante, que corroe e enebria.

Um gato preto, que estira indolências de tigre satisfeito ao sol que enche a rua toda, a ponto de a rua não ser já rua senão apontamento de caminho feito por quilhas num mar de luz: um gato preto está branco, e, quando salta a cauda voluptuosa, na sensualidade da rua, risca um dificil traço luminoso e tremulo no fundo em declive da rua, cheinha, babada de côr, de poeira de côr, de calor de côr, de alma viril e sadia da côr do sol.

Os olhos cançam... Meteu-se agora mesmo por dentro da rua cheinha de sol uma mulher que parecia bonita, e desceu dali defronte, da sombra do interior, sem gelosia. Jesús! Que naufrágio! Perdeu-se, perdeu-se já; já a não vejo, o mar de sol levou-a, arrastou-a, sorveu-a, beijou-a, devorou-a sensualmente, alucinadamente. Debalde a procuro, do alto do meu farol, e os meus olhos extenuados não resistem; param, afastam-se, acobardam-se, e negam-se. Não posso mais. Os meus olhos, vendo todo o sol da rua feito aza de insecto verde, feito pétala de rosa chá, feito colo de pomba cinzenta, feito ânfora vermelha, cintura doirada de mulher, molho de violetas humidas; os meus olhos agora, fatigados como um nadador, repousam fechadinhos na cadeira de verga das palpebras, que desceram como um velario sôbre esta rua magnifica e cheinha de sol...

Norberto de Araujo

PUBLICAREMOS ÁMANHÃ:

A nova tendencia utilitaria da mocidade espanhola

Opiniões de Ramiro de Maeztu, transmitidas por Norberto de Araujo

A'S 11 E MEIA

O ministro das Finanças percorre o seu ministerio.—Quantos funcionarios encontraria?

Pelas 11 e meia de hoje, o sr. ministro das Finanças percorreu as repartições do seu ministerio, a fim de verificar da assiduidade dos empregados, os quais, na sua maioria, ainda não tinham comparecido. O sr. Portugal Durão mandou trancar os respectivos livros de ponto, rubricando-os depois.

O PREÇO POLITICO...

Sua Magestade o Pão

come ao Tesouro este ano

90.000 contos

Em que um homem de renome, e que o publico traz de ponta no ouvido, nos fala do assunto

O pão!

Para que nós possamos comer, ao preço de seis tostões o quilo, o pão de tipo unico que foi decretado para Lisboa — perderá o Tesouro, só este ano, um minimo de 90.000 contos. É o famoso preço politico, que o Estado satisfaz em ouro no estrangeiro e cobra em poucos escudos da moagem, dentro de Portugal.

Mas é assim porque não pode deixar de ser assim, e nós não vamos embrenharmo-nos em numeros e deduções tecnicas que massam o leitor, sem ter chegado a outro resultado que não seja este: o trigo vem em grande parte de fora, e se nós fossemos a pagá-lo pelo preço que o Estado o paga — haveria um levantamento popular.

O pão!

Que se importa o povo que o Estado perca. Já dar um tostão por um pãosinho que antigamente custava cinco réis, já dar três tostões por um meio quilo que antigamente custava trinta e cinco réis — lhe parece pesado.

Que culpa tem o povo que trabalha — diz esse povo — que o cambio esteja desgraçado e o governo não saiba legislar prudentemente sobre trigo? É com este terrivel argumento sentimental — e forte — transigem os politicos, e o pão assim constitue para o Estado um encargo que sobe, subirá constantemente, emquanto subir a libra e o dolar e emquanto não subirem as nossas colheitas.

Mas... ouçamos alguem. Um nome irritante: o sr. Castanheira de Moura. Este industrial, por quem o povo não morre de ternura, é um homem como outro qualquer, amavel, sabendo do assunto, e com uma vida de acção insistente na materia *panificação*, o que para o interesse publico não quere dizer nada.

Já com anos sôbre a sua cabeça, experimentado e desiludido, o sr. Castanheira de Moura, diz que não tem nada com Panificação, que já passou tudo, e que possue hoje apenas uma fabrica, lá p'ro Lumiar.

Ouçamo-lo. Fala com sinceridade e diz convictamente:

—O publico está mal servido! Todos o servem mal. Uns porque não querem, outros porque não sabem. O publico podia ser muito melhor servido sem que o Estado perdesse a dinheirama que está perdendo.

—?...

—Só nos dois ultimos navios entrados o Estado deve perder... perder... pelo menos 14.000 contos!

—E' um horror.

—E'. Subirá a quasi cem mil contos o *deficit* anual só de pão. Ora tudo isto...

—Diga.

—Se podia atenuar: Dois tipos de pão. Um para os ricos e outro para os pobres.

—Historias, sr. Castanheira de Moura. Isso já se tentou. Não deu nada. O publico foi comido.

—Deixe falar. Foi tudo mal feito. Não sabem mexer nisso. Depois o tempo era outro. Se o cambio continúa a descer, onde vai ter o *déficit* dos trigos. Demais os trigos nacionais foram uma desgraça.

—Isso é verdade.

—Outro êrro: grosso êrro: o Estado determinar uma extracção de 77 num trigo que só dá 74. Resultado: porcaria. E' como se deitassem uma gota de tinta num copo de agua. A semea estraga tudo.

—Mas diga a sua receita para o Estado não perder e o consumidor ser melhor servido.

—Isso de preço politico não lembrava ao diabo. O que ha a fazer é estabelecer um preço alto para o pão de primeira, numa percentagem de 15 a 20 e regular o preço do outro tipo, de modo que, segundo esse preço fôr baixo ou razoavel, o Estado se equilibre ou perca muito menos. Estar a dar ao povo pão a seis tostões e estar a enterrar o país com «deficits» vergonhosos, que hão de ir parar a tributos inevitaveis—é asneira.

—Mas o povo queixa-se das manigancias dos padeiros...

—Olhe: eu sou um homem amigo de ganhar dinheiro como toda a gente, mas afirmo-lhe a verdade, pois não tenho interesses nenhuns nisto. O publico está a ser defraudado. Como não ha de ser? Com a actual margem para panificação e dados os encargos desta industria, ordenados, exigencias, sei lá!—o publico hade ser fatalmente roubado. Tem que haver falcatrua.

—Hom'essa!

—Em trigos e pão a legislação por cá tem sido pessima. Ao acaso. Sem sentido das realidades. Olhe em Italia. O preço politico foi modificado, até pelos socialistas.

—Mas a Italia...

—Qual Italia. Nós estamos peor. E' erro legislar para remover dificuldades de ocasião. Tem de se olhar isto de pão e trigos a serio. Trigo no Tejo a $51 para a Moagem, custando sabe-se lá quanto acima disso... Mas isto é uma questão muito complexa. Não vai com palavreado.

E numa scie:

—O publico é que paga. De mim é que disseram mal, mas eu posso afirmar que... O melhor é não lhe dizer senão que isto está mal, mas podia não ter nem a terça parte da gravidade que tem. O publico é que paga..., Foi sempre assim...

O sr. Castanheira de Moura apenas conversou. Não teve propositos — ele recomendou — de dizer coisas graves nem resolver problemas com palavras. Mas a sua opinião é curiosa.

E para as pessoas de estudos orçamentais, menos dadas ao sentimento e á questão da ordem publica, sempre pômos diante dos olhos esta cifra: 90-100:000 contos só para o «deficit» do trigo. Dois vapores: 14:000 contos.

Eis o que nos custa Sua Magestade o Pão. Mas o povo, justamente, com toda a razão imponderavel que lhe assiste, já habituado a comer o pão que o diabo amassou, como os politicos e os industriais mandam—o povo está-se rindo para os numeros e o que exige é um pão, se não bom e barato, pelo menos tragavel e de razoavel preço.

E eis uma questão que não oferece uma saída muito provavel. A não ser a saída dos cem mil contos a mais...

No quartel do Carmo

O chefe do governo agradece os cumprimentos

O sr. Antonio Maria da Silva foi esta tarde ao quartel do Carmo para agradecer á oficialidade da Guarda Republicana os seus cumprimentos.

A indemnização alemã

O material que necessita Cabo Verde

O governador de Cabo Verde enviou um telegrama com a indicação de todo o material que necessita, a fim de ser adquirido na Alemanha por conta da indemnização da guerra.

Os Teatros

Musica

No salão da Liga Naval realiza-se brevemente um interessantissimo certamen de pianistas sob a direcção artistica do ilustre pianista Alexandre Rey Colaço.

As audições começarão no dia 6 de Março, e, além da escolhida literatura pianistica que compõe os programas, a sr.ª D. Alice Rey Colaço cantará varios lieders classicos e modernos.

Atrás do reposteiro

A insinuante actriz Maria Clementina, da companhia Luz Veloso, realiza a sua festa artistica, no Chiado Terrasse, com a primeira representação da peça «O assassino de Macario», de Camilo Castelo Branco.

—Não é verdadeira a noticia que o nosso colega «A Capital» deu de que a gentil actriz Ester Leão ia abandonar definitivamente a vida do teatro.

—Quinta-feira deve subir á scena em S. Carlos a opera «Lohengrin». Antes de findar a epoca, dizem-nos que se representará, em ultima recita extraordinaria, a opera «Carmen».

—Deve representar-se no mês de abril, por amadores, a peça «O tio Milhões».

—Segundo o nosso colega «A Manhã», a «matinée» de domingo, no Coliseu dos Recreios, foi a maior, em receita, que aquela casa de espectaculos tem registado desde que abriu as suas portas. Esgotou-se por completo a lotação.

—A companhia do teatro Apolo levará no seu reportorio, para a projectada «tournée» ao Brasil, as seguintes peças: «Tic-tac», «Pica-pau», «Bomba real», «Chá e torradas», «Castelos no ar», «Trólaró», «Negocio da China», «Ovo de Colombo», «Saude e fraternidade», «Ao Deus dará», «O reino da estampilha», etc. As «reprises» serão feitas com as peças «O 31», «Paz armada» e «Pé de meia». A montagem será feita com o mesmo material da primitiva, propriedade do sr. Antonio de Macedo.

—E' ámanhã que o actor Teodoro Santos realiza a sua festa no Terrasse com a peça «Juiz de fora».

—A festa dos secretarios da empreza do teatro Politeama efectuar-se-ha no dia 21 com a peça «Uma mulher sem importancia».

—O actor Clemente Pinto reaparecerá, como dissemos, no teatro Nacional, na «Carta anonima». Além deste artista, entram nesta peça as actrizes Ilda Stichini, Irene Grave e Helena de Castro.

—O emprezario José Loureiro parte ámanhã para o Rio de Janeiro.

—Na revista «Giga-joga», em ensaios no Salão Foz, a actriz Laura Costa desempenha os papeis de «Cocotte», a «Senhora que se pinta», o «Pardal», um «travesti» e o «Rato de hotel».

—Todos os teatros estão já organizando os seus programas para a epoca do Carnaval. O Nacional tem tudo concluido, figurando nele uma peça nova «Carta Anonima», tradução de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, da comedia espanhola «El Ardil». O Eden representará, em português, «El pobre Valbuena», fazendo Nascimento Fernandes o protagonista, e o S. Luiz apresentará uma revista, em um acto, de André Brun.

CARTAZ

S. Carlos — Não ha espectaculo.
Nacional—A's 21—«O centenario».
S. Luis —A's 21—«Viuva Alegre»
Politeama—A's 21,30—«A 8.ª mulher do Barba Azul».
Avenida — A's 21—«O Toureador».
Apolo —Não ha espectaculo.
Chiado Terrasse — A's 21—«O Juiz de Fóra».
Eden-Teatro—A's 21,15—«O 31».
Salão Foz—A's 20,30 e 22,30—«Bichinha gata...».
Coliseu dos Recreios—A's 20,45—Companhia de circo.
Gil Vicente (á Graça) — Aos domingos, segundas e quintas feiras — «O remorso».
Teatro dos Anjos — A's 20,30 — Companhia de variedades.

Animatografos e variedades

Olimpia (Rua dos Condes).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).

O tratado de comercio luso-indiano

A missão encarregada de negociar o novo tratado de comercio entre a nossa India e a India inglesa encontra-se em Londres, tendo dali pedido varios documentos relativos á sua missão que se encontram no ministerio das Colonias.

SAÍU DO PRELO

"FÓRA DE PORTAS"

— POR —

FERNANDO EMYGDIO DA SILVA

2$50

COIMBRA-EDITORA

(Antiga casa França & Armenio)

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

OS SUICIDIOS EM

ENTRE-CAMPOS

podiam bem acabar!

A linha de Cintura é a mais escolhida para os designios dos que pretendem pôr termo á vida

Antigamente, todos aqueles que se queriam suicidar, compravam por trinta réis um bilhete, metiam-se no elevador de Santa Justa e, uma vez chegados lá cima, atiravam-se da ponte. Isto sucedia quasi sempre de noite e tinha ao outro dia três linhas de noticia em todos os jornais.

Houve por bem qualquer entidade que não nos recorda agora, mandar colocar nas guardas da ponte duas redes de ferro. Os suicidas escolheram outro local, mais apropriado para a sua morte.

Todos os desiludidos da vida têm a sua psicologia especial. Se uns caminham para a morte, serenamente, sem cobardias, outros ha que vão num impulso. E' a falta de vigilancia, o sitio que se lhes oferece que muitas vezes os decide, a pôr termo á vida. Quantas vezes uma palavra amiga, um transeunte qualquer, o receio da policia, não os impede de se suicidarem?

Isto tudo vem a proposito de uma carta que hoje recebemos e que mais abaixo se lerá.

Queixa-se e com razão o nosso leitor, que a falta de vigilancia, nas linhas ferreas da Cintura, leve muitos desgraçados a procurarem a morte arremessando-se para debaixo dos comboios. Um dos sitios mais procurados por eles é Entre-Campos. Ali não ha um policia, não ha uma rêde alta de arame farpado, qualquer coisa que seja um obstaculo que para destruir leve dois minutos, dois minutos em que na alma sombria dos suicidas pode despertar um sentimento de vida e de alegria.

O rapido vem, aproxima-se, num turbilhão de ferragens, fogo, fumo; eles atiram-se á linha, são tomados pelos rodados da maquina e lá se vai uma vida. Aquilo é rapido, sem testemunhas, sem gritos. Porque não tomaria para si a esquadra de policia que fica mais perto de Entre-Campos, o cuidado de colocar ali um policia? Seria tão simples, tão humano! Esta ideia não custaria ao Estado um ceitil.

Segue a carta:

Sr. redactor — Tenho a má sorte de viver em Entre Campos, onde ao destino aprouve instalar uma verdadeira ante-camara da Morgue, hoje a instituição nacional por excelencia. E' o caso que na linha de Cintura, mesmo em frente dos meus olhos, rara é a semana em que um desgraçado não põe termo á vida ou o progresso lha não corta reduzindo-lhe a carcassa a lixo. Pois senhores, sempre que um acto de desespero ou desastre fortuito ali toma mais um ser para a eternidade, inicia-se uma lição popular de anatomia, que, para ser proficua, se dilata por obra dumas 24 horas, no minimo. Não sei, sr. redactor, a quem tomar as responsabilifiades desta demonstração de revoltante incuria e absoluta ausencia de piedade e respeito pelos mortos. Seja o juiz de paz, o subdelegado de saude ou quem quer que deva intervir, mister se torna que — em presença duma desgraça destas — se tomem providencias rapidas para a imediata remoção dos cadaveres. As autoridades competentes, trabalhando tarde e más horas, não são dispensadas dum serviço aliás obrigado; a sua moleza importa uma irritante e continua romaria de gente desocupada, em que entram crianças, algumas ao colo das estupidas mamãs. Para escolas bem bastam as que fornecem os animatografos e as colunas de alguns jornais de grande e insensata informação.. Perdôe, sr, redactor, a impertinencia dum refilão, que com grande aprazimento aprecia quotidianamente o seu *Diario de Lisboa* podendo, por isso, considerar-se um — *Constante leitor.*

OS OPERARIOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL

REUNIRAM ESTA TARDE

Esta tarde reuniram na sede do Sindicato Operario da Construção Civil, os operarios que se encontram sem trabalho, por motivo da paralização das obras, imposta pelos construtores e mestres de obras. Foi nomeada uma comissão composta pelos operarios Manuel dos Santos, João Caldeira e João Jorge a fim de tratarem do assunto com a Camara Municipa'.

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

O CASO DO DIA

Têm ou não validade juridica as investigações sobre o 19 de outubro?

O "Diario de Lisboa", que não é parte no processo, consulta dois advogados:

OS SRS. DRS. RAMADA CURTO E FERREIRA DE SOUSA

Isto passa-se em casa do advogado sr. dr. Ramada Curto. Trata-se das prisões dos seis oficiais do exercito e da marinha, como supostos implicados nos sucessos da noite tragica.

—O *Diario de Lisboa* deseja uma consulta gratuita. — O que pensa V. Ex.ª das prisões efectuadas há três dias?

—O que se está fazendo não tem pés nem cabeça.

— Juridicamente, não está certo?

—Não! Os autos de investigação feitos pelo juiz sr. dr. Alexandrino de Albuquerque deviam ser remetidos para uma autoridade militar competente, apenas como auto de noticia.

«No tribunal militar, reinquiridas todas as testemunhas, repetida toda a investigação, é que, se fôsse caso disso, competia ao general comandante da divisão remeter o processo para Santa Clara, onde o promotor de justiça e o auditor tomariam conta dele.

—Mas ha excepções.

—Salvo os casos de flagrante delito, pelo artigo 188 do codigo do processo criminal militar, ou então, só depois do despacho do auditor conformando-se com a promoção que indiciasse os presos por qualquer crime a que correspondesse prisão preventiva é que eles podiam ser presos.

—Mas já estará provada a responsabilidade dos individuos presos nos sucessos do 19 de outubro?

—Mas (textual) veja o meu amigo o absurdo, na hipotese mais verosimil: a responsabilidade dos individuos presos deve ser a de, tendo conhecimento que se iam praticar determinados crimes, não terem participado ás autoridades superiores, e eles proprios não terem tomado a iniciativa de os evitar.

— Sendo assim...

— Sendo assim, isto é uma mera infracção dum dever disciplinar a que nunca corresponde prisão preventiva, tanto mais que neste caso, tratando-se de homens que ninguem, logicamente, pode suspeitar de assassinos.

— A quem deveriam ter sido entregues as investigações?

— Ao poder militar. No entanto, se o governo, para mais rapidez de processo ou por qualquer outro motivo, não o tivesse querido fazer, devia ter entregue as investigações a qualquer alto magistrado, mesmo a um juis de investigação.

— Quere dizer o sr. doutor que a instrução do processo não devia ter sido confiada ao sr. Alexandrino de Albuquerque?

—Não conheço o sr. dr. Alexandrino de Albuquerque, mas tenho por ele a maxima consideração. As investigações deviam ser feitas numa atmosfera limpa de paixões. Quem é o sr. dr. Alexandrino de Albuquerque? Um amigo das familias das vitimas.

—E agora?

—Invertidas as leis, devia o governo pôr em liberdade os seis oficiais e remeter o processo como auto de noticia ao poder militar ou então não arrepiar caminho: seguir para a frente...

—Fala-se na nomeação doutro juiz.

Em latim, que traduzimos:

—Asneira puxa asneira. De duas uma: ou soltar os seis oficiais ou seguir para a frente.

E já na porta da rua:

—O que eu disse vai desagradar aos antioutubristas. Mas eu não sou nem fui outubrista. O 19 de Outubro foi uma asneira. Não concordo com pronunciamentos militares. Esse movimento foi apenas um pontapé da guarda republicana na Constituição.

* * *

No gabinete do sr. dr. Ferreira de Sousa. O juiz do Tribunal de Defesa Social invoca a sua qualidade de advogado para responder ao jornalista. Outra consulta gratuita.

—A sua opinião sobre as investigações?

O sr. dr. Ferreira de Sousa:

—As investigações foram inicialmente bem postas. A unica entidade competente para averiguar era a policia de investigação. A certa altura, porém, o sr. dr. Paiva Lereno julgou prudente adoecer, pedindo depois uma licença ilimitada.

—Intervem o poder executivo...

—Exactamente. O poder executivo invade as funções do poder judicial, nomeando uma entidade especial para proceder ás investigações. Foi este o primeiro erro.

—Há outros erros ainda?

—E' que o governo não revestiu essa autoridade da força necessaria para que as suas investigações fizessem fé em juizo. Nem podia porque o executivo não pode legislar em materia criminal.

—Foi então nomeado o dr. Barbosa Viana...

—E os representantes das familias das vitimas votaram, por assim dizer, uma moção de desconfiança contra esse magistrado, moção que foi aceita pelo governo.

—Dá-se a substituição dêsse magistrado por um funcionario indicado pelas familias das vitimas...

O sr. dr. Ferreira de Sousa:

—Ora eu entendo que o governo não devia subordinar-se a indicações dessa natureza. Procedendo desta forma, tomou o partido duma das partes em litigio quando lhe competia manter-se inteiramente imparcial na escolha do magistrado.

—Levanta-se a questão da validade juridica das investigações...

—E o governo, embaraçado para encontrar a formula que desse força de corpo de delito a todas as investigações, consultou, se não estou em erro, a Procuradoria Geral da Republica. Esta foi de opinião que o caso ficaria resolvido nomeando o sr. dr. Alexandrino de Albuquerque adjunto da policia de investigação criminal.

—E o caso ficou assim juridicamente resolvido?

—Não! Porque o dr. Alexandrino de Albuquerque foi nomeado para um cargo que não existia, nem tinha sido criado por lei. O decreto que organiza a policia de investigação criminal cria, no seu art. 30.º, três logares de adjuntos: dois em Lisboa e um no Porto. Ora, pela nomeação do sr. dr. Alexandrino de Albuquerque ficariam existindo três logares de adjuntos em Lisboa. Mais uma vez, o executivo deixou de observar aquele principio de autonomia e independencia dos três poderes do Estado — que é a base do direito politico moderno.

—O que havia então a fazer para dar validade juridica ás investigações?

—Demitir um dos adjuntos, substituindo pelo sr. dr. Alexandrino de Albuquerque.

—Entende que os oficiais presos devem ser julgados por um tribunal de excepção?

—Não, porque se trata de crimes de natureza comum.

—E sobre as prisões...

—Entendo que a autoridade civil não tinha competencia para fazer prisões militares.

—Nesse caso, o que devia fazer?

—Enviar os autos ao tribunal militar e só então o juiz instrutor mandaria passar mandados de captura.

* * *

A' face do *Codigo de Justiça Militar*, os oficiais presos podem estar incursos em qualquer dos seguintes artigos: 69.º § 3.º, 89.º, 91.º, 103.º, 106.º, 116.º e 121.º.

O art. 69.º diz:

«O militar que recusar cumprir ou deixar de executar qualquer ordem que, no uso de atribuições legitimas, lhe fôr intimada por algum superior, será punido:

(Vêr continuação na 8.ª pagina).

A ENTRADA DE

PALMIRA BASTOS

para o teatro Nacional

Uma grande artista num pequeno meio, o muito que se tem dito e o que ainda se não disse...

De vez em quando aparecem nos jornais pequeninas noticias afirmando que Palmira Bastos, a artista hieratica, flôr de sentimento e de graça, vai reingressar no teatro Nacional; mas logo, no dia seguinte, mão oculta e misteriosa solicitamente se apressa a desmentir, como se de um cataclismo se tratasse. Eu sei que há, na heterogenea *mayonnaise* de bastidores, um profundo terror das complicações, porque é mais facil governar uma grande nau por entre rochedos, em hora de mar bravio, do que servir de adail de uma falange aguerrida e virtualmente indisciplinada que assenta os seus arraiais da má [illegible] e de inveja por trás de farrapos de papel. Certo é, porém, que não estando eu enfeudado, graças ao Senhor, a nenhuma *coterie*, e tendo recebido das mãos de Deus esta sagrada virtude de dizer o que sinto, sem papas na lingua, com o desassombro da minha cabeça bem erguida e a certeza de que a espinha dorsal se não verga facilmente, aqui proclamo, alto e bom som, desta tribuna florida e sempre moça do *Diario de Lisboa*, que Palmira Bastos, coroada de loures como os poetas da Provença, vinda desde anos teatros a semear a sua arte por asperos caminhos de todos os tablados, e tendo chegado, coberta de gloria, ao cimo da montanha luminosa, tem o direito e o dever de atirar para longe o seu manto de aventura e de se fixar, até ao fim da sua carreira, naquela scena que tem de ser, custe o que custar, modelo e exemplo de nobreza profissional e de austeridade artistica.

Não está a Casa de Garrett em condições de sacudir para fóra da sua desbotada moldura a insinuante e harmoniosa criadora de tantas heroinas, aquela que leva no seu seio fecundo as seivas fecundas de todas as iniciações—a inspiração libada, desde o primeiro vôo dos seus sonhos candidos, no fogo imortal em que se abrasa a sua alma de artista. Infelizmente, nós assistimos já aos prenuncios da derrocada do primeiro teatro português. Mas podemos lançar ainda os nossos braços robustos, a nossa fé inabalavel, a nossa voz clamorosa e potente ás paredes que rangem e ameaçam desconjuntar-se. O que é preciso fazer-se? Aproveitar o que ha de bom —porque o ha, dentro do doirado sarcofago, —chamar, atrair o que anda disperso e, apelando para os poderes do Estado, num minuto de desafogo politico, cavar de nôvo os alicerces de uma nobre scena de declamação, em cujo ambiente se movam sem se acotovelarem as grandes figuras e cuja arte seja tão limpida que, atravez dela, scintilem todas as facetas.

Neste momento, por felizes designios do destino, estão á frente deste departamento de belas letras e de belas artes, três homens que valem, para este caso, três mundos: Augusto Gil, o altissimo poeta em cuja lira estremecem todas as emoções; Santos Tavares, ilustre entre os mais ilustres homens de letras, jornalista «raffiné»; Augusto Pina, o empresario-diplomata, que ama o teatro como ama sua familia e a sua casa. Com estes três eminentes arquitectos da belesa, e estando no alto do pedestal a figura catedraticamente serena e grave de Augusto Nobré, uma das mais seguras mentalidades da nossa terra, é de esperar que a Casa de Garrett reentre, emfim, na orbita de acção para que foi especialmente criada.

E quando essa hora soar, resplandecente e fulgurante, — hora que virá breve e subita como as comoções inesperadas, — eu conto ver subir as escadas do Teatro Nacional, como soberana recolhendo a seus paços reais, Palmira Bastos, a artista incomparavel, mulher feita divindade, na atitude majestosa de um belo marmore antigo, levando nas mãos, não o decreto vulgar de societaria, mas os pergaminhos de merito relevante, — com que se premeiam as sublimes predestinadas.

José Sarmento

AGENCIA GERAL DE ANGOLA

(Instituição oficial criada por decreto do Alto Comissariado da Republica em Angola, n.° 16, de 19 de Maio de 1921)

SÉDE—RUA DA MADALENA, N.° 237, 1.° ANDAR—LISBOA

ENDEREÇO TELEGRAFICO «AGENCIANGOLA»—TELEFONE C-3557

OS SERVIÇOS A CARGO DA AGENCIA SÃO OS SEGUINTES:— Serviços de colonização e imigração; Aquisição de materiais e demais artigos destinados ao Governo Geral de Angola; Serviços relacionados com emprestimos; Serviços de propaganda da Provincia e informações.

Esta Agencia Geral presta todos os esclarecimentos que digam respeito á provincia de Angola e que lhe sejam solicitados por qualquer pessoa

---

ROUPARIA PARA SENHORAS E CRIANÇAS **LOJA INFANTIL** ROUPARIA PARA SENHORAS E CRIANÇAS

SORTIMENTO COMPLETO EM TECIDOS DE LÃ, SEDA E ALGODÃO

SUZANO & PINTO, L.DA

ENXOVAIS PARA NOIVAS E RECEMNASCIDOS

PREÇOS DA FABRICA

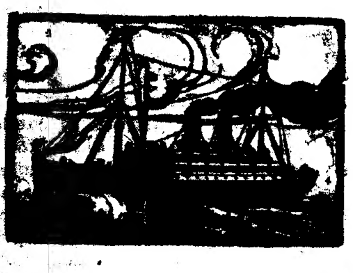
FATOS, VESTIDOS, CHAPEUS E BONETS — Exposição permanente

114 — ROCIO — 115

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO

LLOYD BRAZILEIRO

Linha regular mensal de navegação entre Brazil e o norte da Europa

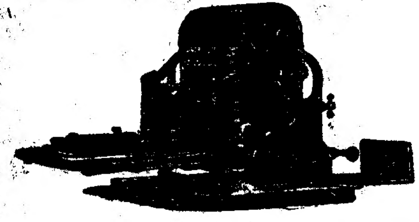


Para carga e passageiros trata-se com os agentes

Pinto & Sotto Mayor

R. do Ouro, 24

Telefone n.° 1227 C. LISBOA



CADA ESCRITORIO precisa organização!!
CADA NEGOCIO precisa desenvolvimento!!

O DUPLICADOR

RAPIDO, LIMPO, SIMPLES

A. Gestetner — 70 cópias por minuto

pode ser nos dois casos de imensa utilidade

Peçam detalhes á casa

— A. GESTETNER —

Rua da Conceição, 125, 4.°

LISBOA — Telefone C. 320 — LISBOA

TAVARES

CAFÉ RESTAURANT

Reabre quarta-feira, 15, ás 7 horas da tarde, com jantares concertos.

Quinta-feira, 16, ás 5 horas da tarde, inauguração dos chás concerto por um distinto sexteto.

Companhia dos Tabacos de Portugal

Assembleia Geral Extraordinaria

2.ª convocação

Não tendo sido depositado numero suficiente de acções para a Assembleia Geral Extraordinaria poder funcionar no dia 2 de Fevereiro, é esta novamente convocada para ás 2 horas da tarde de 17 do corrente, a fim de deliberar nos termos do artigo 40.° dos Estatutos sobre os assuntos já designados para a Ordem do dia da primeira convocação.

O deposito das acções continúa a ser feito até ao dia 7 do corrente e a entrega das procurações deve ser realizada até á vespera desta segunda reunião.

Lisboa, 1 de Fevereiro de 1922.

O secretario da mesa da assembleia geral
Henrique Carlos dos Santos Alves

DFS

Instalações electricas

Orçamentos gratis

MATERIAL ELECTRICO

Grande stock de lampadas PHILIPS-ARGA

E' quem vende mais barato

Preços especiais aos revendedores

Telefone C. 5430 / Telegrafo DIFONSO — DIAS, FONSECA & SOTTO MAIOR L.da

Rua dos Fanqueiros, 122—LISBOA

O **Diario de Lisboa** *encontra-se á venda no Dafundo, na tabacaria Freire.*

Pinto & Sotto Mayor

BANQUEIROS

LISBOA — Rua do Ouro, 18, 24

PORTO — Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

---

GARANTIA

CAPITAL REALIZADO 1:000 CONTOS

Sinistros pagos até 31 de Dezembro de 1920 Esc. 7.973.792$76,3

SEGUROS DE VIDA em todas as suas combinações entre os quais os vantajosos seguros.

FAMILIAR (seguro de capital e pensão) e MIXTO DE CAPITAL DUPLO (que duplica o capital em caso de sobrevivencia)

Seguros terrestres, maritimos, agricolas e de automoveis

COMPANHIA DE SEGUROS fundada em 1853 com sede no Porto (edificio proprio)

Agentes em Lisboa, Coimbra, Faro, Santarem, Olhão e Portimão

José Henriques Totta, Ltd. (banqueiros) EM LISBOA, tel. 533, 1589, 4078, 4152 e 4153

Uzem os SABONETES de
A PERFUMISTA
Deposito
J. COIMBRA JUNIOR & CT.ª
Escadinhas da Saude, 10, 1.º

ESTRANGEIRO

Uzem os SABONETES de
A PERFUMISTA
Deposito
J. COIMBRA JUNIOR & CT.ª
Escadinhas da Saude, 10, 1.º

DE MELILLA

2.200 ESPINGARDAS

têm sido entregues nos ultimas dias

Os indigenas continuam submetendo-se sem condições

MELILLA, 14.

Tem continuado a aumentar o numero das submissões dos rebeldes, tendo-se apresentado em diversas posições cêrca de duzentos indigenas que têm entregado o seu armamento e que se têm submetido sem condições ás nossas autoridades militares. A policia indigena de Nador recebeu mais de mil e duzentas espingardas nos ultimos dias e a «mia» de Beni-Sicar comandada pelo capitão Dávila e pelo caid Abd-El-Kader recolheu tambem mais de um milhar de armas de fogo.—(U. P.)

Mais mil cartuchos recolhidos

MELILLA, 14.

A policia da posição de El Zaio recolheu dois mil cartuchos de espingardas Mauser e uma espingarda Remington. Já lhe tinham sido entregues anteriormente dois mil cartuchos.

Tambem a policia indigena que está destacada na posição de Yazanem recolheu dezoito granadas de metralha, seis granadas ordinarias e seis bombas.—(U. P.)

Uma antiga cidade romana

MELILLA, 14

Teem-se feito escavações em Taxuda, tendo-se encontrado objectos de grande valor arqueologico, entre eles muitas lampadas de argila. Neste ponto estava uma antiga cidade romana esperando-se que as escavações continuem a dar valiosos subsidios para o estudo da civilização romana em Africa. —(U. P.)

A acção de Abd-El-Krim

MELILLA, 14

Abd-El-Krim foi a Tafersit para castigar varios indigenas que tinham agredido os rebeldes de Beni-Urriaguel. Abd-El-Krim enviou parte da sua Harka para vigiar as povoações que mostram tendencia para se submeter aos espanhois. —(U. P.)

O comunicado oficial

MELILLA, 14

O comunicado oficial diz que não ha novidade nos territorios de Melilla, Ceuta e Larache.—(R.)

AS ETERNAS REPARAÇÕES...

A politica de Poincaré e a Conferencia de Genova

Lloyd George aceitou a vontade do governo francês

A Conferencia só virá a reunir dentro de três mezes

Poincaré tem realmente trabalhado e conseguido levar por diante a politica de intransigencia defendida por ele desde a guerra, e anunciada ao tomar conta do poder. Os ataques da opinião publica estrangeira que o receberam duma fórma geral, desde o inicio do seu governo, têm-se mantido mais brandos ou mais vivos através todas as circunstancias. Não obstante, ainda não surgiu nenhum daqueles emaranhados incidentes externos que se produziam frequentemente no governo de Briand, visto no poder com agrado geral, pelas potencias estrangeiras.

Poincaré tem sabido defender a sua politica com uma habilidade consumada; não é, porém, possivel predizer se se repetirão vitorias notaveis, como a que acaba de obter com o adiamento da Conferencia de Genova.

Esta vitoria é tanto mais importante quanto é certo que pouco antes de receber o «memorandum» do governo francês, Lloyd George acabava de declarar na Camara dos Comuns que a Conferencia estava definitivamente marcada para o dia 8 de março.

Antes de qualquer observação, para conhecermos melhor as razões que levaram o governo francês a tomar a resolução de tornar indispensavel o adiamento da Conferencia, julgamos util traduzir algumas passagens desta nota. Ela é mesmo tão clara, que quasi dispensa comentarios.

* * *

«Os convites para a Conferencia de Genova foram lançados pelas potencias aliadas. O presidente do conselho italiano foi encarregado de enviar o texto delas em nome do presidente da Conferencia de Cannes, que era o presidente do governo francês. Os convites foram feitos em nome das potencias representadas nessa conferencia, entre as quais se encontrava a França. O governo francês, por consequencia, não tinha de aceitar nem de recusar um convite em cujo envio tinha tomado parte. *Comtudo, poderia abster-se de tomar parte nela, se o convite fôsse aceito em condições que comprometessem os seus direitos ou ameaças sem os seus interesses.*»

Compreende-se bem que êste direito que a França usou para fazer adiar *sine die* uma conferencia, cujas condições e convocações tinham sido assinadas por ela, levantou os maiores protestos na imprensa estrangeira. Estes protestos são tanto mais indignados quanto é certo que Lloyd George se viu obrigado a aceitar a vontade do governo francês, por, em virtude das condições da convocação, a abstenção da França representar o mau exito da Conferencia.

* * *

As principais razões que o «memorandum» aponta, referem-se aos «soviets». De reparações nada se pode recear com justiça, desde que o chanceler Wirth proclamou bem alto, que não ia a Genova com idéa de as regatear, mas de estender as mãos a quem fôsse necessario para a paz e prosperidade economica da Europa.

Os receios inspirados pelos «soviets», que a nota aponta, consistem no facto de eles ao comunicarem que aceitavam o convite para a Conferencia, não terem dito que aceitavam as condições em que lhes eram impostas, no que dizia respeito a dividas, o respeito pela propriedade dos estrangeiros e garantias comerciais, etc.

Para obter a certeza de que estas condições serão realmente aceitas, e estudar as outras questões, a França propõe a creação de comissões de tecnicos e entende que a Conferencia não pode reunir-se com probabilidade de exito, antes de três meses.

Da critica estrangeira depreende-se que os «soviets» aceitando o Convite da conferencia, aceitavam tambem as condições dela, como é logico. E' esta tambem a opinião do primeiro ministro inglês que ele tornou publica.

Excepto a imprensa francesa, nenhuma outra participa da convicção de que as razões alegadas pela nota mereçam bastante importancia para estudar a Conferencia Economica de Genova, mas sim um pretexto para o adiamento duma reunião a que a opinião publica francesa e o governo foram hostis desde sempre, por temerem as consequencias que dela lhes podem advir.

Esta habilidade diplomatica de Poincaré foi o justo complemento da queda do governo de Briand, exactamente na ocasião em que acabava de acordar nas condições e convocação da Conferencia de Genova.

DE ITALIA

A TOMADA DE FIUME

por um numeroso grupo de croatas?

Os habitantes e os "fascistas" repelem os assaltantes

ROMA, 14

Dizem os jornais que um grande numero de croatas tentaram á meia noite um golpe de mão contra Fiume, a fim de se apoderarem da administração publica. Os habitantes, auxiliados pelos «fascistas», repeliram os assaltantes.—(H.)

A tiara de Pio XI

ROMA, 13

A tiara papal de Pio XI é assente sobre feltro muito fino, coberto com uma especie de malha de prata em que se ostentam três corôas. Cada uma consiste de uma tira de ouro, de armação muito leve, cravejada de joias e orlada com duas fitas de perolas. Cada fita tem 90 perolas, ao todo 540 perolas, além de 146 joias de varias côres e 11 brilhantes.—(L. A.)

A exposição flutuante

ROMA, 14

O «yacht» *Trinacria*, que o rei de Italia ofereceu de novo aos organizadores da exposição flutuante italiana largará em junho para Londres, Anvers, Amsterdam, Hamburgo, Copenhague, Petrogrado e outros portos.—(R.)

A Conferencia de Genova e os Estados Unidos

WASHINGTON, 14

Os meios politicos americanos embora sejam de opinião que os Estados Unidos se não devem fazer representar oficialmente na Conferencia de Genova, seguem comtudo muito atentamente as negociações preliminares para essa Conferencia e enviarão delegados a Genova que terão o governo ao facto das questões aí tratadas.

A nota do sr. Poincaré ao governo inglês foi muito bem acolhida nos Estados Unidos.—(U. P.)

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

No Coliseu dos Recreios

O mais soberbo programa da mais soberba companhia de circo

A magnifica companhia de circo que se está exibindo no Coliseu dos Recreios tem marcado como uma das melhores que têm vindo a Portugal, apresentando os melhores e mais variados trabalhos soberbamente desempenhado pelos artistas da especialidade de maior reputação mundial, para cujo contracto a respectiva empreza se não tem poupado a sacrificios.

E que assim é, di-lo o publico todas as noites enchendo aquela vasta casa de espectaculos, ávido de admirar os soberbos trabalhos do maior fenomeno de agilidade e força muscular que é o artista português Nestor da Silva—*O Homem Macaco*;—a troupe Staig, nas corridas de motocicletas num globo de aço; as Irmãs Carré—As ninfas—nas suas poses plasticas sôbre um cavalo; a pequenina actriz Mitzi Carré, nas suas danças originais e nos seus trabalhos equestres, todos os outros artistas da companhia e, mais agora, os dos notabilissimos acrobatas equilibristas japonezes The Masa Gen, que ontem realizaram a sua estreia e que foram aplaudidissimos.

Com todos estes trabalhos é inutil dizer-se que os espectaculos do Coliseu são os melhores, mais variados e mais economicos da capital.

Emprêsa Técnica Industrial, L.da
TEL. C. 854 292, RUA AUREA, 292 TEL. C. 854
REPRESENTANTES DA FÁBRICA
—LANZ—
LOCOMÓVEIS E SEMI-FIXAS INDUSTRIAIS
EM ARMAZEM E A CHEGAR Á ALFANDEGA
GRANDE QUANTIDADE DESTAS MÁQUINAS

A "SOBERANA DO MUNDO"

Estreia, hoje no Condes, do 5.º e 6.º episodios

Depois da China a Africa do Sul. E' onde nos transportam o 5.º e 6.º episodios da *Soberana do Mundo*, o maravilhoso *film* de aventuras, que hoje á noite e em *matinée* elegante, se estreia no Cinema Condes. Em breve estaremos em Ophir, a cidade santa do passado, onde a conquista de um tesouro leva a heroina da *Soberana do Mundo* a arriscar-se nas mais perigosas aventuras que despertam vivo interesse e emoção. Nestes novos episodios a grande actriz Mia May, estrela dos teatros alemães, tem ensejo para revelar a sua extrema audacia e o seu grande talento de artista.

O esplendido drama cinematografico *Laços de amor*, mantém o publico em constante interesse e a deliciosa comedia *Um segurado infeliz* marca a nota comica do admiravel programa. A parte instrutiva revela-se no *Jornal do Condes*, que nos explica como se fazem esculturas em marfim.

O CASO DO DIA

Inquirindo

Falam os srs. drs. Ramada Curto e Ferreira de Sousa

(Continuação da 5.ª pagina)

§ 3.º ...com presidio militar de seis meses a três anos ou, quando a desobediencia fôr acompanhada de circunstancias que diminuam consideravelmente a gravidade do crime, com prisão militar ou incorporação em deposito disciplinar.»

O art. 89.º diz:

«O commandante que, sem legitima autorização nem motivo justificado, ordenar qualquer movimento de tropas, será condenado a presidio militar de seis meses a três anos.«

O art. 91.º diz:

O militar que sendo encarregado de algum serviço tendente a manter ou a restabelecer a ordem publica, fizer ou mandar fazer uso de armas, sem causa justificada ou sem estarem preenchidas as formalidades determinadas nas ordens militares, será condenado a presidio militar de seis meses a três anos.

O art.º 105.º diz:

O militar que presenciando uma revolta ou uma sedição, não empregar todos os meios de que puder dispôr para obstar á realização do crime, será punido com presidio militar de seis meses a três anos, se fôr oficial, e, sendo praça graduada, com encorporação em deposito disciplinar.

O art.º 106.º diz:

O militar que, para dos casos estabelecidos nos artigos antecedentes, violar qualquer dever militar, por temer algum perigo pessoal, será condenado a presidio militar de seis meses a três anos.

O artigo 116.º diz:

O militar que violar a salvaguarda concedida a alguma pessoa ou logar depois de lhe ter sido apresentado, será condenado a presidio militar de seis meses a três anos, se por qualquer outro acto de violencia não incorrer em pena mais grave.

O artigo 121.º diz:

O militar que, com palavras proferidas publicamente e em voz alta, por escrito ou qualquer modo publicado ou por qualquer outro meio de publicação, provocar um crime determinado, será condenado a presidio militar de seis meses a três anos, salvas as penas mais graves em que possa incorrer por disposição especial deste codigo ou do codigo penal.

A MISERIA DE LISBOA

ACUDAM AOS HOSPITAIS

E ÁS

CASAS DE CARIDADE!

A subscrição do «Diario de Lisboa»

O apelo que fizemos teve uma repercussão no espirito dos nossos leitores, que demonstra bem quanto nós fomos ao encontro de um desejo de beneficencia. Os hospitais e as casas de caridade são as instituições onde mais simpatica e eficazmente se pode exercer essa beneficencia.

Os obulos que hoje registamos são provas de uma boa vontade e de caridade que não é demais encarecer.

Registamo-los com o maior prazer:

Transporte	370$00
Mr. B. P.	100$00
Alvaro Neto	20$00
Soma	490$00

CAMBIOS

DIA 14

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	64$00	66$00
Londres, cheque	4 3/14	4 1/16
» 90 d. v.	4 5/16	—
Rio Janeiro	7 13/32	—
Paris	1$122	1$162
Italia	$628	$648
Belgica	1$075	1$111
Suiça	2$580	2$660
Espanha	2$036	2$120
Berlim	$060	$070
Holanda	4$923	5$075
Nova-York	13$232	13$639
Austria.	3	6
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » Portugal	—	—
Agio do ouro	1$050	1$120

TELEFONES DO "DIARIO DE LISBOA"

Redacção—C. 3194
Administração—C. 3195

FÉRIAS QUE TERMINAM...

S. BENTO

reabre ámanhã e preocupou-se hoje com a arrumação dos tinteiros e com a factura dos seus "panneaux" ornamentais

S. Bento, fechadas as suas portas pelo golpe de outubro, reabre-as ámanhã a um parlamento *novo* em que o eleitorado, de velha data manejado pelos caciques, introduziu a gente de sempre... Como alteração importante, razoavelmente importante, a ocupação dc oito *fauteuils* pelos representantes do regime deposto. A chefia-los, o sr. Aires de Ornelas, secretariado pelo sr. Carvalho da Silva, que teve pressa em marcar logar ao lado. O resto, está na mesma... Uns deputados a mais para os democraticos, alguns a menos para os liberais. Em ambos os partidos, uma esperança vaga no regresso dos *leaders*. Mas o sr. dr. Afonso Costa não se encontra disposto a trocar o café *Pigale* pelas intrigas revolucionarias da *Brasileira* do Rocio, nem o sr. Brito Camacho a praia da Polana pela redacção bafienta da *Lucta*. O S. Bento, que ámanhã começa a funcionar para o publico, é, pois, conhecido de todos. E terá o velho material politico que nele vai funcionar forças para inaugurar uma politica nova?...

* * *

Hoje fomos ao Congresso. A vinte e quatro horas da inauguração, havia probabilidades de recolher algumas notas de interesse. Passeámos os Passos Perdidos, a sala das sessões, os corredores que acompanham a sua semi-circunferencia. Politicos, nem um. A sua presença futura é denunciada apenas por pequenos quadrilateros de papel, em que se inscreveram nomes numa caligrafia caprichosa. Ha casos curiosos. Para exemplo:—na mesma carteira e no mesmo pedacinho de papel, na extrema-esquerda democratica, estes dizeres: —«Dr. Afonso Costa ou Antonio Maria da Silva». Duas pessoas distintas e um só pensamento politico verdadeiro. O actual chefe do governo, que começou a aproximar-se do ex-*leader* do P. R. P. talhando os seus adornos capilares pelo modelo que ele representa, procura, agora, acentuar a semelhança por tal forma, que a mesma carteira dê serventia ao estadista que observa os sucessos portugueses com uma grande presença de espirito e uma maior ausencia de corpo e áquele que mantem sem desagregação perceptivel a massa confusa, heterogenea, dos que servem a sua politica...

* * *

O novo parlamento vai deparar com uma residencia oficial em que existe um mais acentuado cunho artistico. Os Passos Perdidos dão já guarida a um novo *panneau* devido ao pincel de Bemvindo Ceia, colado á entrada, trabalhosamente, por um grupo de artifices que ainda não safou o andaime. Faltam seis ainda, os laterais, retidos no *atelier* pela meticulosidade profissional de Columbano Bordalo Pinheiro. Mas há mais. Dias atraz, Acacio Lima, professor da Escola de Belas Artes do Porto, assinou um contracto com a administração do Congresso, para a decoração do gabinete do presidente da Camara dos Deputados. Custo da obra: 50 contos; praso para a sua realização, dois anos. Assuntos? O primeiro dos quatro *panneaux*, representará a batalha dada por D. Afonso Henriques, ao conde de Prava, em 1128 porque, no dizer do artista «essa tarde gloriosa foi a primeira da patria portuguesa». O segundo terá por motivo uma scena da revolução de 1640, Os conjurados, pela boca de D. Carlos de Noronha, um nobre velho de 70 anos, dizem á duqueza de Mantua: — «se não entra pela porta sai pela janela». O terceiro, ocupar-se-há do terramoto de 1755 e o quarto será constituido por uma alegoria á Patria feliz. Em meio de tudo isto, as figuras do Comercio, Industria, Arte, Sciencias e, a dominal-as, a figura da Patria abraçando os *Lusiadas*.

Os consecutivos embelezamentos que o Congresso está sofrendo, fazem-nos nascer a esperança de que os parlamentares, em meio de tais prodigios da mais encantadora das artes plasticas, aprenderão a moderar os nervos e a revestir os seus actos de uma beleza que, por emquanto, só existe nos detalhes artisticos das quatro paredes de S. Bento...

* * *

O pessoal menor das duas casas do parlamento, suspensas as ferias nascidas da revolução, lá se encontrava hoje, no ensaio definitivo da primeira sessão. Os mata-borrões foram cuidadosamente substituidos, os tinteiros cheios de boa tinta, a calvice do veludilho que cobre o chão, passada a pano. O hemiciclo fez, emfim, a sua *toillete*. A'manhã cara lavada, apresentavel, receberá os membros de um parlamento ilusoriamente dissolvido... E o *reporter* lá estará, postado a cada quina, de lapis em punho, á cata de notas que revistam um interesse maior que as de hoje.

A POLITICA DA TARDE

A DECLARAÇÃO MINISTERIAL

A legislação administrativa e a remodelação dos serviços da Assistencia Publica

Da declaração ministerial constará, na parte referente ao ministerio da Instrução, a remodelação das escolas primarias superiores, a fiscalização do ensino primario e a reorganização das juntas escolares. Em virtude disto, vai ser publicado um decreto pelo sr. dr. Augusto Nobre, determinando que não se abram concursos de professores nem se efectuem transferencias, a não ser que se prove a necessidade disso, em beneficio do ensino. Ainda o titular da instrução tenciona publicar outros decretos, estabelecendo o principio de que as escolas primarias gerais com mais de um professor, não sejam postas a concurso, sem que o inspector respectivo informe que esses estabelecimentos de ensino manteem a frequencia exigida por lei e em harmonia com o artigo 4.º do decreto 150 de 29 de setembro de 1913.

* * *

O sr. ministro do Interior nomeará, ainda hoje, a comissão encarregada de coligir a legislação administrativa em vigor. Esse trabalho servirá de base a uma proposta de lei que o sr. Antonio Maria da Silva tenciona apresentar ao parlamento, creando um só codigo administrativo.

* * *

O sr. governador civil de Lisboa está tratando da normalização dos serviços da Assistencia Publica. Hoje, ás 16,30, realizou uma conferencia com o presidente da Federação das Juntas de Paroquia, sr. dr. Alfredo Guizado.

* * *

Os parlamentares do P. R. L. reunem hoje, ás 21 horas, na redacção da *Luta*, para assentarem na sua atitude para com o governo. Na opinião de alguns, deve manter-se uma espectativa benevola, quasi de apoio, para facil execução do programa da malograda *frente unica*.

* * *

A'manhã, ás 14 horas, reunem numa das salas do Parlamento os parlamentares democraticos, a fim de elegerem a comissão directora e os *leaders* e sub-*leaders* nas duas casas do Congresso.

O 19 DE OUTUBRO

As prisões

As investigações devem terminar ainda esta semana

As noticias publicadas ultimamente por alguns colegas da noite, ácerca da provavel demissão do sr. dr. Alexandrino de Albuquerque, sofreram um completo desmentido. O adjunto dá policia de investigação continua no desempenho das suas funções, segundo os nossos informes, com toda a confiança do sr. presidente do ministerio. A conclusão das investigações tem-se apressado o mais possivel, contando o sr. dr. Alexandrino de Albuquerque enviar ainda esta semana, ao promotor da justiça militar, o circunstanciado relatorio que há-de acompanhar os autos do corpo de delito indirecto. Tudo faz prever que o julgamento, que pelas inumeras peripecias a que se presta, há-de apaixonar a opinião publica, se realizará em fins do mês proximo.

***

O coronel sr. Manuel Maria Coelho conferenciou, hoje, com o sr. ministro da guerra.

A greve das classes maritimas

Uma reunião dos fogueiros

Reuniram hoje, ás 17 horas, sob a presidencia do sr. José de Araujo, na sede do seu sindicato, os fogueiros de mar e terra, para tomarem conhecimento do resultado das «demarches» efectuadas pela comissão de melhoramentos.

O sr. Araujó comunicou á classe que o ministro do comercio não pode receber a comissão.

O sr. Antonio Braz descreve a miseria em que se encontra o pessoal, devido ao atrazo de pagamento do seu vencimento.

O sr. Araujo, que volta a falar, propõe para que todos os grevistas vão acompanhados das mulheres e filhos, na quarta feira, ás 15 horas, junto dos Transportes Maritimos, em sinal de protesto.

O SR. DR. VEIGA SIMÕES

será nomeado dentro em breve nosso ministro em Viena

A nomeação do sr. dr. Veiga Simões, ex-ministro dos Negocios Estrangeiros, para nosso ministro em Viena de Austria, é um dos assuntos que mais tem preocupado o actual governo. Todas as dificuldades que rodeavam essa nomeação teem sido arredadas, tudo indicando que o sr. dr. Veiga Simões será nomeado dentro em muito breve.

Os 75 anos de Edison

Uma manifestação dos seus operarios

NEW-YORK, 14

No dia em que Edison fez 75 anos os seus operarios ofereceram-lhe um almoço no qual ele declarou que esperava viver ainda muito tempo. Edison, que está de perfeita saude, trabalha como de costume. — (R.)

Os desempregados ingleses

percorrem a cidade de Londres

LONDRES, 14

Realizou-se ontem uma das maiores demonstrações dos desempregados em Londres. Homens de todas as partes da cidade reuniram-se no Embankment e nomearam uma comissão que foi pedir a sir Alfred Mond a aplicação da escala de socorros, cujo pagamento lhes tinha sido prometido. — (R.)